

Iconografia *Naven*.

Estudo sobre o uso das imagens na obra *Naven* de Gregory Bateson¹

Marialba Maretti

Mestranda do programa de pós graduação em multimeios – UNICAMP

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o lugar ocupado pelas imagens fotográficas na obra *Naven*² de Gregory Bateson. Trata-se do estudo de uma cerimônia homônima ao título do livro, praticada pelos Iatmul, tribo da Nova Guiné, em meados dos anos 30, destinada a congratular o filho de uma irmã por um feito considerado adulto. *Naven* foi a principal obra antropológica do autor, que, mais tarde, junto com Margaret Mead, realizaria *Balinese Character: A Photographic Analysis*, um dos marcos fundadores da antropologia visual. Neste encontram-se características já empregadas em *Naven*, como por exemplo, o uso sistemático de legendas que apresentam uma contextualização e um início de interpretação junto a uma descrição da foto. Pretendemos no decorrer da pesquisa, sob uma perspectiva heurística, trazer à tona esta obra pouco estudada nos meios acadêmicos brasileiros, realizando uma reflexão sobre o trabalho fotográfico de Bateson contido em *Naven*. Valendo-se de um olhar antropológico, mas não deixando de lado o artístico, analisaremos o conjunto das vinte e oito pranchas fotográficas realizadas pelo autor, para que possamos contribuir à constituição de uma história da antropologia visual, e assim sendo, para que se possa no futuro realizar novos avanços metodológicos, além de diversificados, neste campo de investigação.

Palavras Chaves

Gregory Bateson, Antropologia Visual, Fotografia.

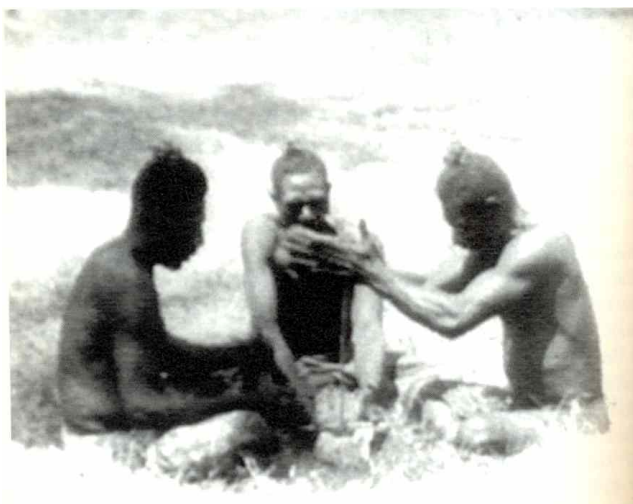
¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² BATESON, Gregory. *Naven; a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*. 2ª. ed. Stanford: Stanford University Press, 1958. 343 p. [Primeira edição em 1936]

A presente comunicação refere-se a um projeto de pesquisa que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em Multimeios da UNICAMP, cujo objetivo é investigar o lugar ocupado pelas imagens fotográficas na obra *Naven* de Gregory Bateson. Desta forma, tentamos oferecer uma contribuição à história da Antropologia Visual.

Gregory Bateson, inglês, nasceu em 1904 e faleceu na Califórnia, Estados Unidos, em 1980. *Naven* foi sua primeira obra antropológica, orientada por Alfred Cort Haddon, que, durante uma viagem de trem entre Cambridge e King's Lynn, disse a Bateson que gostaria de enviá-lo a Nova Guiné. Assim, Bateson foi e, junto aos Iatmul, uma tribo de caçadores de cabeça, estudou o *Naven*, uma cerimônia homônima ao título do livro, destinada a congratular o filho de uma irmã por um feito considerado adulto, (como, por exemplo, matar um estrangeiro, um inimigo, um animal selvagem, ou até mesmo construir uma canoa). Durante a cerimônia, o irmão da mãe (tio do homenageado) se transveste de mulher e, dentre um conjunto de procedimentos rituais, oferece a nádega ao sobrinho, que a esfrega com sua canela.

Na década de 1930, quando foi desenvolvida e lançada a obra *Naven*, Haddon já gozava de certo prestígio, devido a sua expedição ao Estreito de Torres, em 1899, considerada a primeira experiência antropológica a efetivamente se servir do cinema e da fotografia na pesquisa de campo, (chamamos atenção para o fato dessa expedição ocorrer apenas três anos pós a invenção do cinematógrafo). Acompanhando esta expedição, estavam Rivers, que foi professor de Radcliffe-Brown, e G. Seligman, que influenciaria Malinowski.



01. Fotografia de Aborígenes no Estreito de Torres, A. C. Haddon, 1899.

Todos estes antropólogos estavam muito presentes nesta época, já que, na Europa, era o apogeu do funcionalismo com Malinowski e do estruturalismo com Radcliffe-Brown, os

quais haviam sido influenciados pela tradição da Escola Francesa de Sociologia ligada à Émile Durkheim e Mauss. Ao mesmo tempo, do outro lado do oceano, nos Estado Unidos, estava em voga a Escola de Cultura e Personalidade liderada por Franz Boas.

Todas estas correntes antropológicas irão aparecer em *Naven*. Bateson, no Prólogo do livro, cita Malinowski e Radcliffe-Brown. Há uma especial ênfase em Malinowski, expressando sua admiração por seu trabalho, mesmo que, durante sua monografia, faça críticas à abordagem teórica malinowskiana, afirmando que está na hora de modificá-la. As novas categorias teóricas que Bateson defende são, em grande parte, construídas sobre idéias implícitas no trabalho funcionalista de Malinowski, ao passo que o Estruturalismo de Radcliffe-Brown irá aparecer no enfoque sobre a estrutura social e cultural da sociedade Iatmul; a Escola de Sociologia Francesa revelar-se-á na abordagem sociológica; E as teorias de Franz Boas irão influenciar Bateson através de Ruth Benedict – discípula de Boas - que encaminha os manuscritos de seu livro *Padrões de Cultura* para Bateson, quando ele ainda encontrava-se em campo. É através deste manuscrito que o autor apropriar-se-á do conceito de *Ethos*, que, para Bateson, diz respeito ao comportamento característico de um povo ou de uma comunidade, em outras palavras, o “gênio”, o que conduzirá o comportamento das pessoas, de forma a caracterizá-las como pertencentes àquela sociedade específica, e não a qualquer outra.

Desta forma, a análise do ritual *Naven* é realizada através um tríplice ponto de vista: uma abordagem estrutural, referente à Radcliffe-Brown, uma sociológica, alusivo à Durkheim e etológica, da escola de Cultura e Personalidade de Boas. Com estas diferentes abordagens, Bateson mostra de que forma uma complementa as limitações da outra, assim, ultrapassando o nível da forma e das funções sociais, sugerindo que, atrás dos aspectos formais das explicações sociológicas e estruturais, há elementos vivos que dinamizam e peculiarizam o fato social, além de introduzir o conceito de *cismogênese* para explicar o equilíbrio social. Deste modo, *cismogênese* é o próprio processo de diferenciação das normas culturais, ou seja, a dinâmica dessas normas. Em um exemplo da nossa sociedade, a relação de dominação entre patrões e empregados, que se estabelece durante todo o ano, tem como compensação nas festas de natal realizadas nas empresas, onde patrões e empregados confraternizam-se, como iguais. Assim, mantém-se um equilíbrio nas relações dentro da empresa.

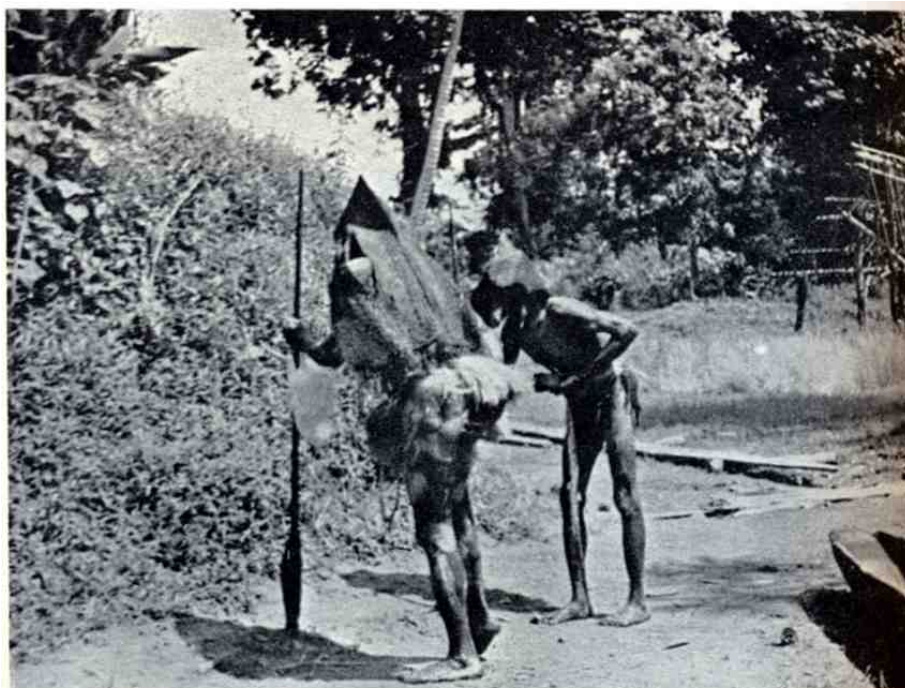
Em *Naven*, no decorrer de trezentas páginas, Bateson descreve e realiza essa análise tripla da cerimônia. Após, apresenta vinte e oito pranchas fotográficas, totalizando quarenta e nove fotografias, cada uma com longas e detalhadas legendas, contendo registros de todas as localidades pesquisadas por Bateson na Nova Guiné.

Pretendemos, através das referências que Bateson faz às fotografias, verificar como se

articulam o texto e as imagens nesta obra, buscando a pertinência entre fotografias, descrições e legendas.

Retiramos um exemplo de referência à fotografia, no capítulo II – *A cerimônia do Naven ocasiões em que o Naven é realizado*. Bateson descreve quando ocorre a cerimônia *Naven*, e no subitem deste capítulo, *Descrições das cerimônias*, o autor relata que os homens vestem-se de roupas de mulheres e vice e versa. O *wau*, irmão da mãe, ou seja, tio do homenageado, traja-se como a mais detestável e suja viúva, desta forma, é identificado como *nyame* (mãe). Neste ponto Bateson indica as pranchas II a IV e continua o texto, mas descrevendo o que as pranchas mostram: dois *waus* vestidos para o *naven* de um jovem homem, em Palimbai, que fez uma grande canoa pela primeira vez em sua vida. Os *waus* colocam a mais suja e velha saia, que somente a mais feia e decrepita das viúvas usaria, desta forma, todos os acessórios dele são direcionados para a criação de um efeito de maior decrepitude: as duas “mães” apoiam-se para andar em pequenos remos, utilizados pelas mulheres, fingindo serem coxos; na cabeça, estão com chapéus de chuva esfarrapados; em seus narizes, usam ornamentos de conchas, similares aos das mulheres em ocasiões festivas; as crianças da vila recebem estas figuras com gritos e risadas; as “mães” perambulam pela vila procurando seu “filho” (o *laua*) e de tempos em tempos vão tropeçando e vão chamando pelo jovem: “Temos um galinha para dar ao jovem”. Neste momento, Bateson indica a prancha II, e prossegue com o texto, descrevendo a continuidade da cerimônia.

A legenda da fotografia A, na prancha II, diz: “*Naven*, em Palimbai, para o filho de uma irmã que construiu uma grande canoa. Os dois jovens são *waus* (irmãos da mãe) e estão vestidos como velhas mulheres, com chapéus de chuva esfarrapados e saias sujas. Eles andam coxos pela vila sustentando-se por meio de curtos remos, como são usados pelas mulheres na canoagem. (Homens usam remos de 10 a 12 pés de comprimento e permanecem em pé enquanto remam). O mais próximo dos dois *waus* carrega, em sua mão, uma galinha branca em sua mão para presentear o *laua*”. A legenda da fotografia B é menor, contém somente: “*Naven* em Palimbai: os dois *waus* procurando por seu *laua*”.



A. *Naven* in Palimbai for a sister's son who had made a large new canoe. The two young men are *waus* (mother's brothers) and are dressed as old women, with tattered raincoats and bedraggled skirts. They hobble about the village supporting themselves by means of short paddles, such as are used by women in canoeing. (Men use paddles 10 feet to 12 feet long and stand while paddling.) The nearer of the two *waus* carries a white fowl in his hand to be presented to his *laua*.



B. *Naven* in Palimbai: the two *waus* searching for their *laua*

PLATE II

02. Reprodução da Prancha número dois do livro *Naven*.



a. *Naven* in Palimbai. The *waus* are on the way to the canoe made by their *laua*. Suspended from the nose of the further *vau* is seen an "ornament" made of old sago.



b. *Naven* in Palimbai: one of the *waus*

PLATE III

03. Reprodução da Prancha número três do livro *Naven*.



A. *Naven* in Palimbai. One of the *waus* stumbling because of his pretended feebleness. The children crowd round laughing.



B. *Naven* in Palimbai. One of the *waus* has reached the canoe and falls into it with his legs widespread. The other is arriving miserably on all fours.

PLATE IV

04. Reprodução da Prancha número quatro do livro *Naven*.

Neste exemplo, vemos que a prancha encaixa-se perfeitamente com a descrição textual, e sua legenda retoma, resumidamente, as informações presentes no texto e ainda acrescenta a característica do remo masculino. Desta forma, neste exemplo, podemos sugerir uma adequação entre texto e imagem: existe uma descrição sistemática do que se vê na foto e uma interpretação, já que por mais neutro que Bateson busca ser, com um relato circunstanciado dos elementos presentes na fotografia, ele não está desassociado de uma visão pessoal, portanto, o que conhecemos e o que buscamos.

É importante ressaltar que esta pesquisa está em fase inicial e exigirá maiores estudos e aprofundamentos para uma completa análise do papel e funções das fotografias nesta obra, mas é nesta linha que pretendemos realizar este estudo.

Pretendemos, também, realizar um estudo acerca das imagens que não foram selecionadas para publicação final. Tais fotos encontram-se no arquivo *Manuscript Division's Margaret Mead Papers*, na *Library of Congress* em Washington, DC, sob os cuidados de Janice Ruth, com a qual os primeiros contatos para encaminhar este material ao Brasil já foram realizados. Também, nesse arquivo, constam manuscritos realizados por Bateson enquanto estava em campo, cujas informações podem lançar luz sobre a escolha e exclusão de fotografias na publicação final da monografia.

Foram, ainda, realizados contatos com o *Circolo Bateson* em Roma, cujo objetivo é manter estudos sobre este autor através de seminários e grupos de estudo. Dentre os participantes desse grupo, está Marco Deriu (organizador do livro *Gregory Bateson*), o qual também respondeu aos nossos contatos; a filha de Bateson e Mead, a antropóloga Mary Catherine Bateson, que já nos respondeu; e, recentemente, com Eric Silverman, antropólogo, indicado por Mary Catherine, o qual busca realizar um trabalho com as fotografias realizadas junto com Mead no retorno à aldeia Tambunum, em 1938, no decorrer da estadia de três anos em Bali.

Por intermédio dessas pessoas, envolvidas com o trabalho e a vida de Bateson, buscamos realizar um intercâmbio de informações, talvez ainda inéditas, possibilitando assim uma maior imersão deste autor nos círculos acadêmicos.

Ressalta-se que tanto Bateson quanto sua produção são ainda insuficientemente conhecidos no Brasil, talvez devido ao fato de sua principal obra não ter sido traduzida em língua portuguesa, sendo encontrada em francês, inglês e castelhano. Para a realização desta pesquisa, será utilizada a segunda edição inglesa, a qual contém, além do importante epílogo de 1936, - que apresenta o livro, suas influências e questionamentos - um novo de 1958, contendo autocríticas de Bateson à sua obra.

Portanto, após este estudo pormenorizado, pretendemos confrontar as fotografias publicadas no *Naven*, com as que não foram publicadas. A fim de obter uma compreensão global do trabalho imagético, desde suas motivações iniciais, até sua finalização, podendo, desta forma, descrever as metodologias utilizadas na obra em questão, e ainda verificar a indicação feita por Antonello Ricci (2006), no livro *Bateson e la fotografia*, de que a utilização das legendas e da fotografia, em *Naven*, podem representar a orientação de diálogo entre imagem e escrita, que reaparecerá em *Balinese Character: A Photographic Analysis*, resultado do trabalho conjunto de Bateson e Margaret Mead em Bali, considerado um dos marcos fundadores da antropologia visual.

Com esta indagação, termino minha fala, muito obrigado a todos.